

MÁRIO BARRETO

ÚLTIMOS ESTUDOS

2ª edição

Apresentação
e Índice Remissivo de
Cândido Jucá, filho

Em co-edição com o
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
– FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA –
e com a
FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA
MINISTÉRIO DA CULTURA



PRESENÇA

RIO DE JANEIRO
1986

NOTA SOBRE A 2ª EDIÇÃO

Com esta reedição fac-similar dos *Últimos Estudos* termina-se a publicação das obras filológicas mais importantes de Mário Barreto, num trabalho conjunto da Editora Presença e da Fundação Casa de Rui Barbosa, com o apoio do Instituto Nacional do Livro.

Aproveitou-se a edição da Epasa tão carinhosamente compilada pelo saudoso Professor Cândido Jucá (filho), que indica a fonte de onde retirou os artigos, a maior parte dos quais publicados primeiro na *Revista de Cultura*, outros no *Correio da Manhã* e dois deles em *O País*.

O Setor de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa submeteu todos os textos a uma rigorosa colação — sob a minha responsabilidade e de Júlio César Castañón Guimarães —, o que permitiu se emendassem numerosas gralhas tipográficas que haviam escapado à revisão anterior. Essas emendas só foram possíveis graças ao meticoloso trabalho de recorte e colagem de dois exemplares, executado pela pesquisadora do Setor de Filologia Ivette Maria Savelli Sanches do Couto. O texto que se reproduz é, portanto, o quanto possível fiel à vontade do Autor.

Está dessa forma novamente ao alcance dos estudiosos — especialmente dos nossos estudantes de Letras — o valioso acervo de um dos mais acreditados filólogos brasileiros, cuja leitura hoje se revela cada vez mais necessária, numa tentativa de minorar o descalabro reinante no ensino da Língua Portuguesa em nossas Faculdades.

Rio de Janeiro, junho de 1986.

ADRIANO DA GAMA KURY

Chefe do Setor de Filologia
do Centro de Pesquisas
da Fundação Casa de Rui Barbosa

A P R E S E N T A Ç Ã O

Mário (Castelo Branco) Barrêto nasceu e morreu no Rio de Janeiro (17-3-79—9-9-32).

Grande filólogo e vernaculista, escreveu vários livros em que se revelou, no dizer de Rui Barbosa, “mestre entre os mestres”. Era catedrático de Português no Colégio Militar, e foi professor interino de Literatura no Colégio Pedro II. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Colaborava nas fôlhas e periódicos cariocas, muitas vezes respondendo a consultas que se lhe faziam. Reunia os seus trabalhos em livros, que editou com os seguintes títulos:

“Estudos da Língua Portuguesa” (1903, Viúva Azevêdo) — livro que êle desamava, sobretudo por causa de críticas injustas a Cândido de Figueirêdo;

“Novos Estudos da Língua Portuguesa” (1911, Francisco Alves) e aqui inaugura uma série poderosa de trabalhos filológicos dos mais profundos que se publicaram sobre o nosso idioma;

“Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa” (1914, Francisco Alves) — continuação do livro precedente;

“Fatos da Língua Portuguesa” (1916, Francisco Alves) — talvez a sua obra culmianante; com prefácio de Silva Ramos;

“De Gramática e de Linguagem” (1922, O Norte) — respostas a vários consulentes, em dois volumes;

“Cartas Persas”, de Mostesquieu, com um *“Estudo”* de Abel Grenier (1923, Garnier) — versão e anotações;

“Através do Dicionário e da Gramática” (1927, Quaresma) — correio de consulentes.

Agora a EPASA colige todos os seus artigos, que anteriormente vieram à luz, quer no *“País”* (P), grande diário hoje fechado, quer no *“Correio da Manhã”* (CM), quer na *“Revista de Cultura”* (RC). Respeitámos-lhe escrupulosamente a grafia. Procedemos, sob as vistas de seu ilustre filho, prof. Antônio Mário Barrêto, como procedeu sempre o Mestre na organização de seus preciosos volumes. Apensámos-lhe um minuciôso índice alfabético.

Sabemos que não está esgotada a lista dos trabalhos, mas foi a mais completa que pudemos fazer.

Queremos chamar a atenção dos estudiosos para o fato de que, nêstes ÚLTIMOS ESTUDOS, Mário Barrêto se revela, como nunca o fizera antes, grande conhecedor da sintaxe comparada: nunca perde de vista o Latim, em cujos segrêdos penetra afoitamente.

Os artigos enfeixados com o rótulo *“A Sra. Gramática”* fôram extraídos de uma série de vinte-e-três que Mário Barrêto e eu publicávamos no *“Correio da Ma-*

nhã", quando sobreveio o acidente fatal do atropelamento de bicicleta, que lhe trouxe a morte meses depois. Os meus, apenas dez, traziam a assinatura de Zenódoto.

São os seguintes os trabalhos que êste volume

CONTÉM

Apresentação — p. i.

VÁRIOS

	PÁGS.
1. A Semântica (RC, 1-1927)	3
2. Resposta a Júlio Nogueira (RC, V-1927)	13
3. Carta a d. Evelina Prata (RC, VI-1927)	57
4. Carta ao sr. Guilherme L. Simões (RC, VII-1927)	69
5. A questão ortográfica (CM, 31-VII-1930)	89

A NOSSA LÍNGUA

6. Ao sr. J. L. Paiva (P, 29-LX-1927)	99
7. Ao sr. A. Antunes (P, 31-X-1927)	111
8. Ao sr. M. Oliveira (RC, II-1928)	121
9. Ao sr. J. de A. Rangel (RC, III-1928)	141
10. Ao sr. R. S. Valentim (RC, IV-1928), I	163
11. Ao sr. A. F. Martins (RC, V-1928)	171
12. Ao sr. R. S. Valentim (RC, V-1928), II	181
13. Ao sr. Jorge Fernandes (RC, VIII-1928)	187

XIV

	Págs
14. Ao sr. Alberto Cruz (RC, VIII-1928)	193
15. Ao sr. José Monteiro (RC, VIII-1928)	201
16. Ao sr. M. A. Lima (RC, IX-1928)	205
17. Ao sr. Silvério da Silva (RC, IX-1928)	211
18. Ao sr. A. A. Bento (RC, IX-1928)	215
19. Ao sr. Alfredo Adriano (RC, IX-1928)	219
20. Ao sr. J. Nascimento (RC, X-1928)	221
21. Ao sr. Humberto Neves (RC, X-1928)	225
22. Ao sr. S. Meira (RC, XI-1928)	233
23. À sra. d. Evelina Cardoso (RC, XI-1928)	239
24. Ao sr. M. R. Vargas (RC, 1-1929)	243
25. Ao sr. Marques da Costa (RC, 1-1929)	253
26. Ao sr. M. Gomes (RC, II-1929)	265
27. Ao sr. Manuel Meireles (RC, II-1929)	273
28. Ao sr. Ad. M. Elias (RC, III-1929)	277
29. Ao sr. Quintino Abreu (RC, V-1929)	289
30. Ao sr. Mário Correia Leite (RC, VII-1929)	305
31. Ao sr. João Clímaco (RC, VIII-1929)	309
32. Ao sr. Alberto Vilaça (RC, IX-1929)	317

A S R A. G R A M Á T I C A

33. Fonética e Ortografia (CM, 24-VIII-1930)	325
34. Guias e Formulários da Ortografia Oficial (CM, 7-IX-1930)	331
35. Minúcias lexicológicas (CM, 14-IX-1930)	335
36. Retificando (CM, 28-IX-1930), I	341
37. Retificando (CM, 12-X-1930), II	349
38. Retificando (CM, 9-XI-1930), III	357

39. Em volta de dois livros (CM, 16-XI-1930)	369
40. Predicativos, &c. (CM, 30-XI-1930)	375
41. Mêdo de, mêdo a; derribar, derrubar (CM, 7-XII-1930)	385
42. Correções indébitas (CM, 14-XII-1930), I	391
43. Correções indébitas (CM, 28-XII-1930), II	399
44. Correções indébitas (CM, 11-I-1931), III	411
45. Correções indébitas (CM, 25-I-1931), IV	423

CANDIDO JUCA (filho)

A SEMANTICA

Passagem do sentido etimológico ao sentido prático

Devem-se distinguir duas fases na vida duma palavra: a fase etimológica e a fase prática. Na primeira a palavra deixa sentir bem a sua origem, descobre a razão que influiu na sua escolha ou formação, e chama a atenção para aquela circunstância que deu nascimento ao nome. Esta circunstância pode e até costuma ser muito accidental: uma remota semelhança com algum objeto conhecido, a forma exterior, ou uma afinidade qualquer de sinal, lugar, etc.

Assim é que, por semelhança com uma serra de carpinteiro, se deu o nome de *serra* ao dentado cume das montanhas. Das *aranhas* tomou-se o nome para os candelabros de vários braços que se penduram do tecto; *pilha* chamou Volta à máquina eléctrica de sua invenção porque a primeira que fêz foi uma verdadeira pilha ou coluna de discos de cobre, zinco e pano; *pa-vonear-se* se diz duma pessoa que se ensoberbece como

o vaidoso pavão que faz alarde da sua formosa plumagem, com formar aquela vistosa roda; *estrellarse* se diz, em castelhano, dum objeto que, por violento embate, se desfaz e deixa só um rasto em figura de *estrella* (faz-se em pedaços que se separam e irradiam); em espanhol chama-se a um chapéu *sombrero*, palavra que quer dizer objeto que dá sombra. Em francês *rivière* apresenta, ao lado do sentido ordinário, o de colar de diamantes, assim chamado por extensão de *rivière*, rio, como se vê neste gracioso jôgo de palavras de *L'Etrangère* de A. Dumas filho, I, sc. 2. Trata-se de saber donde vêm as grandes riquezas de Mistress Clarkson e sobretudo “ces rivières de diamants qui inondent ses épaules à l'Opéra, si bien qu'elle a l'air d'un second lustre”. — A senhora Calmeron responde com uma ponta de malícia mordaz: *Parbleu! d'où viennent toutes les rivières: des petits ruisseaux!*

Do nome do conhecido peixe eléctrico (lat. *torpedo*, peixe que com o contacto faz entorpecer — lat. *torpere* — os membros) vem torpedo, grande projectil carregado com matéria explosiva, que serve debaixo de água: daqui os derivados *torpedear*, *torpedeira* ou *torpedeiro*, *contra-torpedeiro*, *caça-torpedeiros*. Em vez da nossa palavra *caça-torpedeiro* usa-se agora o nome inglês *destroyer*, cujo significado facilmente se descobre: *destrutor*, *destruidor*. *Torpedo* é também nome comercial dado a uma forma de automóvel, feito de maneira a recordar o projectil chamado *torpedo*.

Os léxicos, cuja disposição em artigos se baseia na etimologia histórica, concedem, e com razão, dois artigos a *fiar* (fidare) e *fiar* (filare). Em francês *carrière* não tem a mesma origem segundo designe o lugar donde se extraem pedras, ou carreira, espaço fechado entre barreiras e disposto para corridas de cavalos ou de carros.

No primeiro caso, filia-se, por intermédio de *carre*, no nome de número *quatre*. No segundo, procede dum vocábulo gaulês latinizado sob a forma *carrum*, que quere dizer *carro*. Do mesmo modo, *louer* que deu *louange*, vem do latim *laudare*, enquanto que *louer*, que deu *louage*, vem de *locare*. Deve, porém, contentar-se com um só artigo a palavra *serra*, por se tratar apenas de uma bifurcação semântica do mesmo vocábulo.

Conquanto pareça que as várias acepções de *gafa* correspondem a quatro ou cinco vocábulos distintos, o nosso grande mestre Gonçalves Viana mostrou nas *Apostilas aos dicionários portugueses* que tôdas elas se desenvolvem sôbre a primitiva, *gancho* ou *garra*. A evolução das palavras dêste é, pois, de todo em todo diferente da do grupo precedente, em que, devido ao desenvolvimento fonético, chegam a coincidir formas, partidas de pontos mui distantes.

Quando uma palavra como as acima citadas se torna muito usual, a associação de ideias que desperta perde em novidade e por conseguinte em graça; e por outro lado, como o espírito tende a passar directamente da palavra à ideia sem o intermédio da imagem, se-